

*Nascentes***REFLEXÕES SOBRE A MEDIAÇÃO DE AULAS ATIVIDADES
NO ENSINO REMOTO***Evando Luiz e Silva Soares Rocha***Beatriz Gama Rodrigues***

RESUMO: A pandemia da Covid - 19 impôs aos sistemas educacionais desafios e possibilidades relacionados ao ensino não presencial. Neste artigo, objetiva-se discutir estratégias de mediação de aulas/atividades remotas de Língua Portuguesa considerando a relação entre o ensino e as limitações dos contextos sociais. A questão a seguir constitui o problema da pesquisa: que estratégias desenvolver para que as atividades de ensino alcancem os sujeitos aprendizes em seus contextos sociais particulares viabilizando a mediação de práticas de ensino? Assume-se que os recursos impressos, bem como, os digitais comportam estratégias eficientes, entretanto, limitações e falta de conhecimento truncam a ampla utilização nas atividades de ensino. Fundamenta-se o trabalho conforme os postulados de Duboc (2011), Gomes e Silva (2017), Kalantzis *et al.* (2020). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que contempla a análise de materiais dispostos em roteiros e atividades remotas para os anos finais do Ensino Fundamental. A pesquisa mostrou que as estratégias de ensino devem contemplar as aspirações do contexto em que se insere e, como tal, os artefatos tecnológicos para serem inseridos no processo de ensino, devem ser objeto de reflexão, acolhimento e redirecionamento de propósitos e especificidades.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas docentes. Ensino remoto. Aulas de linguagem. *WhatsApp*.

Introdução

O panorama da educação nacional que evidenciamos neste trabalho, converge com o cenário de suspensão das atividades presenciais em consequência da pandemia da Covid-19. Dessa forma, sob efeito de um ineditismo no campo da educação escolar brasileira, desenvolvemos nossa abordagem a partir das vivências e práticas pedagógicas, no âmbito da educação básica, contemplando os anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Parnarama -MA, no decorrer do ano de 2021.

Este trabalho investigativo contextualiza práticas docentes desenvolvidas durante as aulas (atividades) remotas de Língua Portuguesa no período compreendido entre os meses de maio e agosto de 2021. Posicionamo-nos, por um lado, como produtores dos materiais e

* Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi).

** Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP). Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

docentes/mediadores ao assumirmos a aplicação, avaliação e intervenção necessárias ao processo de ensino. Por outro lado, atuamos como pesquisadores em relação à aplicação dos materiais e desenvolvimento das atividades, gerando e coletando os dados.

Os materiais a que nos referimos, correspondem aos roteiros de estudos e aos blocos de atividades, exercícios, produções autorais dos educandos e sugestões de fontes de estudos (físicas ou virtuais), elaborados a partir de visões e considerações empíricas relacionadas à dimensão do ensino não presencial. Assim, conforme organizados, esses materiais (arquivos em formatos digitais) eram disponibilizados à comunidade estudantil por meio de plataforma institucional *on-line* e de grupo do mensageiro *WhatsApp*. Da mesma forma, disponibilizam-se exemplares impressos para entrega ou retirada na sede da própria escola.

O espaço em que nos situamos caracteriza-se pelas limitações, carência de suporte para formação humana e preparação dos sujeitos para o mundo do trabalho na era da comunicação e da informação, bem como para a educação mediada com recursos das tecnologias digitais. Assim, em momentos anteriores e no contexto atual, com suas nuances impostas pela pandemia da Covid-19, o trabalho docente reflete a realidade do distanciamento entre as práticas de “chão da escola” e as possibilidades de incrementar novas estratégias, recursos e ferramentas no processo de ensino e interação.

Com efeito, a prática docente assumiu feições múltiplas, principalmente buscando adequações pontuais e necessárias às circunstâncias do quadro de isolamento social a que fora submetida toda a população indistintamente. Diante de um quadro pandêmico, as práticas pedagógicas reclamaram uma dinâmica de readaptação das ofertas e das estratégias de ensino, considerando, dentre outras possibilidades: as condições de aprendizagem sem a mediação presencial do professor, a recepção das propostas e atividades de ensino no ambiente do lar, a negociação das missivas de ensino por meio de uma linguagem acessível aos pais, responsáveis e tutores, o acesso aos artefatos e ferramentas das tecnologias digitais.

Elucidamos em nossas discussões proposições de aulas remotas síncronas e assíncronas à luz de visões alicerçadas no diálogo, participação e relevância cultural, pois, compreendemos que, transformar a linguagem já sinaliza um ato transformador do mundo (FREIRE, 2003). Então, para nos firmarmos no âmbito da Linguística Aplicada Crítica, destacamos principalmente as contribuições de Pennycook (2001).

Assim, visando analisar o uso de recursos e ferramentas digitais, bem como promovendo interações em aulas remotas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, propomo-nos à exploração das atividades de ensino e os processos interacionais que as constituem. Conforme anunciamos, os indivíduos envolvidos neste trabalho integram

espaços socioculturais diversos, caracterizados pelo afastamento de áreas urbanas, escassez de recursos tecnológicos e acesso regular às mídias digitais.

Para fundamentar nossas discussões, consideramos os postulados sobre multiletramentos, diversidade cultural, leitura, escrita e tecnologias, segundo as contribuições de Kalantzis *et al.* (2020); Duboc (2011); Coscarelli (2016); Navarro *et al.* (2021), dentre outros. Resaltamos que este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa, cujo desenvolvimento contempla a análise de um *corpus* composto por atividades de ensino dispostas em planos e roteiros de atividades remotas síncronas e assíncronas para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Este trabalho está organizado em uma seção de fundamentação, na qual nos afiliamos as discussões provenientes da Linguística Aplicada Crítica para discutirmos: educação, ensino (remoto), linguagem e tecnologias. Além disso, desenvolvemos um tópico de metodologia para descrevermos o percurso da investigação e, em seguida, apresentamos nossas análises, reflexões e considerações finais.

A educação escolar e o ensino sob os reflexos da pandemia da Covid – 19

Em nosso trabalho, a partir do pensamento freiriano, compreendemos a educação apoiada no diálogo, na participação e na relevância da cultura (FREIRE, 2003). Neste caso, concebemos a linguagem como inerente à ação, ao agir dos sujeitos no mundo e sobre o mundo, logo, não a dissociamos das relações, vivências e experiências humanas.

Assim, abordamos a linguagem na sua dimensão orgânica, dinâmica, em processo, transformando e sendo transformada à medida que comunica e permite a constante troca entre os indivíduos. Nesse sentido, a linguagem, bem como as práticas de ensino são instrumentos de emancipação intrínsecas à dinâmica social, logo, a realidade vivenciada a partir do quadro de pandemia da Covid-19 requer novos olhares, mas não só para as práticas, como também para os indivíduos que estão às margens ou em posições periféricas em relação aos seus próprios espaços.

Em vista disso, compreendemos que a linguagem experienciada em sua dinamicidade e capacidade de transformação constitui-se num elemento fundamental para a transformação dos sujeitos e suas realidades (FREIRE, 2003). Assim, na dimensão dos estudos da linguagem, refletimos sobre a face de uma não neutralidade e proximidade com as práticas para trilharmos percursos imersos na realidade social, nas problematizações locais atuais e na busca por soluções negociadas e ou co-construídas pelos sujeitos envolvidos nas mais diversas interações.

Diante disso, no âmbito da ciência da linguagem, compreendemos a Linguística Aplicada como área proeminente para os questionamentos sobre os problemas reais vivenciados pelos sujeitos em seus espaços locais e a proposição de olhares e estratégias centradas no ensino e aprendizagem de língua/linguagem. Entretanto, assumimos conforme Moita Lopes e Fabrício (2019), a necessidade de inter-relacionar os aspectos linguageiros às particularidades de toda ordem, como: o ser e o sentir dos sujeitos pesquisados, bem como as subjetividades dos pesquisadores, além disso, os desejos, as vontades e as ações que se entrecruzam nos espaços de comunicação e vivências compartilhadas.

Assim, avançando sobre as abordagens em Linguística Aplicada, ao considerar os sujeitos e os problemas vivenciados por eles no bojo de uma abordagem linguística, bem como ao questionar as relações hegemônicas, aproximamo-nos do fio condutor das discussões suscitadas no âmbito da Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK, 2001).

Nesse aspecto, a Linguística Aplicada Crítica, conforme o autor, visa à problematização e à discussão em relação ao que é tomado como central, privilegiado ou detentor do poder, desvelando a linguagem a partir de contextos experiências reais (PENNYCOOK, 2001). Visualizamos em nossas discussões a relação entre práticas de ensino de linguagem em contextos sociais idealizados, pensados sob o ponto de vista da cultura dominante e as possibilidades de os sujeitos romperem com suas vivências e histórias silenciadas (PENNYCOOK; MAKONI, 2020).

Por isso, entendemos conforme esses autores, que não basta apenas mensurar dados a partir de uma perspectiva teórica que tome a linguagem como base ou suporte para falarmos sobre um determinado fenômeno. Mas, avançar em relação à compreensão dos sujeitos, das relações sociais e culturais que integram para que se construam colaborativamente novos espaços em cada um se reconheça como partícipe.

Discutir o estágio atual da educação brasileira requer admitir diferentes perspectivas para compreender as mudanças em curso, os movimentos prospectivos e os quadros de retrocessos expostos pelas desigualdades na oferta de aulas não presenciais. Inclusive, ao apontar possibilidades, estratégias e práticas de ensino não presencial exitosas no contexto da pandemia, é preciso salientar como precedentes as condições sócio-históricas e culturais favoráveis de há muito já consolidadas em determinados espaços.

A esse respeito, consideramos relevante discutir não só os movimentos direcionados à viabilização de propostas de ensino em caráter emergencial, como também as ações de órgãos colegiados no sentido de dispor à comunidade em geral propostas de ensino não presencial ajustadas às circunstâncias e especificidades locais. Logo, destacamos o papel do

Conselho Nacional de Educação - CNE, dos Conselhos Estaduais de Educação, bem como dos Conselhos Municipais de Educação, no tocante à apresentação de possibilidades para as práticas docentes avançarem com estratégias de ensino não presencial.

Embora o cenário atual, marcado pelo agravamento da pandemia, abrigue suas próprias limitações, o reflexo dos poucos investimentos e a ausência de políticas educacionais sólidas contribuem para o alcance limitado e eficácia contestável do ensino remoto. Nesse momento, uma questão a ser posta é sobre as condições em que se desenvolve o ensino não presencial. Nisso, pontuamos a natureza das interações aluno/professor, aluno/aluno, professor/família, família/escola como indícios que certificam a evolução do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com essas condições, entendemos que, mesmo propondo atividades não presenciais, as trocas e interações deveriam ser concebidas a priori. A propósito, no Parecer N° 05/2020 do CNE, foram apresentadas estratégias e mecanismos para viabilizar as interações, fossem elas síncronas ou assíncronas, com ou sem o uso de recursos de tecnologia digital (Brasil, 2020). Dessa forma, implementar uma proposta de ensino remoto não significa, necessariamente, mobilizar todos os participantes para um formato de ensino em rede virtual, ambientado em plataformas da *internet*.

A repercussão da posição assumida pelo CNE em relação ao ensino não presencial propiciar interações e satisfazer as condições de aprendizagem, respeitando as particularidades dos sujeitos acionou diferentes discursos relacionados ao ensino no contexto da pandemia. Dentre esses discursos, os mais eloquentes reclamam a inclusão digital, a ampliação das condições de acesso aos bens tecnológicos e, principalmente, dotar as escolas de recursos e ferramentas da tecnologia digital. Com efeito, o quadro da educação nacional é sintomático de suas construções históricas e sensível a mudanças; entretanto, condicionado a circunstâncias.

Neste ponto, trazemos a noção de ensino remoto com a qual dialogamos, cuja conjuntura fora apresentada em documento da Secretaria de Estado da Educação do Piauí - SEDUC, assim: “quando nos referimos ao ensino remoto, estamos tratando da experiência de ensinar a distância, com o suporte de tecnologias ou não” (SEDUC, 2020, p. 2). Conforme o exposto, entendemos que, embora próximos e às vezes imbricados, o ensino remoto não está condicionado ao uso de tecnologias.

Compreendemos a noção de aulas remotas como evento situado no contexto pandêmico da Covid-19. Além disso, o entendimento sobre a organização temporal, planejamento, formato, ajustes de materiais e estratégias deve ser, também, ponto de reflexão sobre o ensino

em momentos de aulas não presenciais como o que apresentamos constituído e caracterizado e que vivenciamos durante o quadro geral do ensino remoto.

Rocha (2021, p. 51) discutiu a natureza complexa do ensino remoto, pontuando a relação entre as estratégias e as tecnologias, assim: “a compreensão sobre os domínios e complexidades das atividades humanas, bem como o processamento da comunicação, produção e recepção de informação nos tempos atuais exigem certos usos de tecnologia”. Com base nisso, compreendemos que, embora caracterizados pela presença e uso de recursos tecnológicos, os espaços e os sujeitos precisam ser revistos, preparados e acompanhados no processo que concebe o uso de ferramentas de tecnologia nas estratégias de ensino.

Ocorre-nos ainda, o olhar sobre a relevância de certos usos de tecnologias e seus aparatos em eventos comunicativos e interacionais, de maneira que desenvolvamos a partir disso uma criticidade, visando à construção de novos usos e significações no âmbito social. Entendemos que a dimensão do ensino remoto, implementado no âmbito da pandemia da Covid-19, precisa apresentar uma sequência lógica, com objetivos e propostas de atividades atinentes a conteúdos de ensino, mas considerando as interações. Além disso, organizado e dotado de condições de satisfazer as necessidades do educando com ou sem o auxílio de recursos das tecnologias digitais.

Uma nuance do período pandêmico em relação às aulas diz respeito ao foco nas interações, já que, em contextos mais recentes, aula, em sentido amplo pressupõe haver interações, troca, alternância de vozes e saberes. As experiências de atividades de ensino vivenciadas no âmbito da pandemia ajudam-nos a entender de forma mais sensível e solidária a necessidade da interação, seja guiada por meios digitais, seja condicionada aos artefatos da escrita.

Noutra dimensão, discutir particularmente as aulas remotas traduz diferentes perspectivas de participação e de participantes, uma vez que o formato remoto promove diferentes vozes e discursos na ação do ensino ambientado fora da escola. Assim, edifica a participação de sujeitos menos frequentes no ambiente escolar tradicional.

Na verdade, planejar uma sequência de atividades para que os alunos a desenvolvam remotamente requer olhares múltiplos sobre a realidade social local, as limitações dos espaços e dos sujeitos e os objetivos propostos para uma determinada sequência de trabalho. Requer também dialogar com possibilidades, com intrusos na mediação, com a desconfiança em relação ao que se propaga e acredita ensinar.

Conforme Navarro *et al.* (2021) a pandemia da Covid-19 impôs um cenário de mudanças que contribui, não só para novos protagonismos, mas também para as desigualdades,

diferenças, intensidade e agravamento de problemas no âmbito do ensino. A influência da tecnologia na sociedade atual não é marca do tempo presente, essa é uma condição recoberta pelas exigências de se alcançar cada vez espaços imersos e conectados em rede.

Logo, conceber o perfil de educação, bem como do ensino numa dimensão digital, alia-se ao ideário de inovação da era digital. Também, investimos na discussão sobre as atividades de leitura e produção de texto nas aulas de linguagem. Dessa forma, atuar na dinâmica desses contextos de inovação, de surgimento de novos artefatos, textos/gêneros e meios interacionais sugere uma atuação colaborativa (DUBOC, 2011).

Os esforços empreendidos para que as tecnologias fomentem as práticas docentes, de longe, ocupam lugar no cenário da educação nacional. Tanto no sentido de se promover uma formação docente sob efeito das possibilidades das ferramentas tecnológicas, quanto pela reivindicação e ocupação dos espaços escolares. Conforme Coscarelli (2016, p. 88), “a leitura normalmente acontece em uma situação de comunicação.” Concordamos com essa posição, admitindo que é preciso repensar o lugar da interação, da aproximação entre os indivíduos, bem como a relação de troca e complementaridade de visões de mundo.

Ambientada na noção de comunicação e interação com auxílio de tecnologia, a autora destaca duas competências que devem ser consideradas: “leitura e navegação” (COSCARRELLI, 2016, p. 64). Conforme essa assertiva, é necessário compreender que a atividade de leitura exige objetivos e estratégias bem construídos e, uma vez inseridos conforme os ditames e operações que envolvem as tecnologias, a compreensão do processo para tecer redes de interação, aprendizagem etc.

Com isso, queremos dizer que o malgrado da inexistência de espaços com condições favoráveis ao desenvolvimento do ensino à luz das contribuições da tecnologia é lugar de discussões frequentes e inflamadas e que têm gerado posições divergentes. Principalmente, no que tange ao percurso formativo dos sujeitos, por um lado. Bem como a inserção cada vez mais frequente de recursos tecnológicos nas práticas docentes, sobretudo, considerando a formação docente, por outro lado.

Conforme postulou Arré (2017), o foco no contexto da era digital tem sido entrelaçar educação e tecnologias numa mesma conjuntura orgânica. Em consonância com o que apresenta essa autora, defendemos que é preciso desafiar e preparar os sujeitos para assimilarem os movimentos de mudanças e surgimento de novos usos, funcionalidades e finalidades das tecnologias. A rigor, a autora discute a definição de tecnologia, para demonstrar que nesse contexto a tecnologia tem relação com o que se cria, opera, produz, independentemente da

noção de componente físico, aparelho automatizado, tecnologia “seria tudo que, criado pelo homem, o ajuda a viver mais e melhor” (ARRÉ, 2017, p. 31).

Em contextos multiletrados, a comunicação mediada por meio de recursos de tecnologia amplia as possibilidades de interação para além dos ambientes da internet (GOMES; SILVA, 2017). É nesse sentido que entendemos que as tecnologias podem acrescentar novos olhares sobre os propósitos interacionais e a alta demanda de recursos disponíveis nos meandros dos espaços sociais atuais.

A conciliação de recursos tecnológicos e as estratégias de ensino advém de percursos e lugares de fala que remontam à formação docente. Isso requer que os sujeitos assumam o protagonismo em relação às estratégias de ensino contemplando as tecnologias e a partir delas possam refletir sobre a própria prática. Compreendemos que se discutam, então, encaminhamentos que expressem o diálogo necessário entre o espaço (instituição e sujeitos), a diversidade (social e cultural), a multimodalidade e os recursos midiáticos que são incorporados constantemente às práticas sociais de que participam os indivíduos (KALANTZIS *et al.*, 2020).

Conforme entendemos, a prática docente é um campo aberto para a inserção gradativa de recursos oriundos das tecnologias, mesmo em cenários onde pouco ou nenhuma utilização alcança os aprendentes em situações para além da escola, entretanto, devemos assumir o desafio do novo e de suas possibilidades na construção de práticas libertadoras e transformadoras (FREIRE, 2003). O desenvolvimento de atividades por meio de recursos tecnológicos não se limita à associação entre aparelhagem física e espaço específico (laboratório). E ainda, é preciso refletir sobre as estratégias e recursos adotados para evitar que se construa propostas fechadas e pouco produtivas nos espaços em que se inserem (PINHEIRO *et al.*, 2021).

Dessa maneira, a discussão sobre os artefatos tecnológicos e a oportunidade de seus contributos na operacionalização de estratégias de ensino, faz-nos compreender que precisamos avançar nesse propósito. Assim, o momento atual reflete marcas de tempos improdutivos ou de poucos avanços nesta direção, ao passo que ainda há muito o que se construir em relação à formação e práticas docentes propriamente ditas.

A questão não é romper as barreiras quanto à posse de artefatos tecnológicos. Mas, iniciar a partir do que sabemos e do que temos, o fazer pedagógico, inclinando-nos às inovações, ao universo das digitalidades, que como tais, experimentamos constantemente em ocasiões não escolares da vida cotidiana.

Metodologia

A rigor, ao problematizar e contextualizarmos o quadro do ensino remoto, focando nas aulas remotas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, consideramos a necessidade de ampliar as visões sobre o modo como as atividades de leituras e produção de textos são desenvolvidas. Nesta pesquisa, as investigações emergem das práticas e vivências compartilhadas por professores de Língua Portuguesa, anos finais do Ensino Fundamental, no espaço de uma instituição escolar de Educação Básica, localizada na área rural e pertencente à rede municipal de ensino de Parnarama (MA).

O desenvolvimento da ação investigativa engloba a atividade docente, a produção, co-produção, recepção e compartilhamento de materiais de estudos específicos para o contexto das aulas remotas. O contato com o material sobre o qual nos debruçamos ocorrera no período compreendido entre os meses de maio e agosto do ano de 2021, nesse período também, vivenciamos no âmbito das aulas de linguagem a preparação dos alunos para o concurso “Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa”, evento voltado para as escolas públicas de todo o território nacional, organizado pelo Portal de Língua Portuguesa “Escrevendo o Futuro”, cujos encaminhamentos e fundamentos visam fornecer subsídios para a produção escrita de textos de gêneros como: poema, memórias literárias crônicas e artigo de opinião. Além disso, o concurso envolve alunos e professores do (5º) ano do Ensino Fundamental ao (3º) ano do Ensino Médio.

Dessa maneira, engajados na ação educativa a partir da prática docente nos anos finais do Ensino Fundamental, atuamos também como pesquisadores ao nos inserirmos e refletirmos sobre a linguagem, a cultura, o ensino, os sujeitos e suas práticas humanas. Assim, adotamos o percurso metodológico da pesquisa qualitativa de base interpretativista, a partir do qual apontamos para representações de sentidos passíveis de observação e análise em materiais corporificados em: roteiros de aulas, resumos, atividades impressas registros audiovisuais, relatórios (MOITA LOPES, 1994).

Definimos para o *corpus* da pesquisa exemplares de propostas de atividades e roteiros de estudos para as aulas remotas de Língua Portuguesa disponibilizados em formato digital em plataformas virtuais em endereços eletrônicos da *internet*, bem como exemplares de textos e produções autorais. Para cumprir a finalidade proposta, o material fora coletado a partir de grupos do mensageiro *WhatsApp*.

É interessante destacarmos, que a escola providenciava para que todo o alunado tivesse acesso aos materiais de estudo. Assim, eram compartilhados tanto sob a forma de arquivos digitais (*doc.* e *pdf*), como em formato impresso, denominados blocos, ou apostilas

para atender os alunos sem acesso aos aparelhos tecnológicos e sem conexão com a *internet*. Por conseguinte, os blocos eram entregues aos próprios alunos ou aos familiares a cada 15 dias.

Para as descrições, discussões e reflexões sobre as atividades desenvolvidas, optamos por segmentar e identificar os materiais como: Recorte I, Recorte, II, e assim sucessivamente. Ademais, operamos a partir dos seguintes procedimentos de análise: (a) descrição da proposta de ensino e das estratégias adotadas; (b) caracterização das estratégias à guisa das discussões teóricas; (c) interpretação dos efeitos e resultados das interações projetadas nos materiais.

Os materiais dispostos na seção de análise foram adquiridos por meio de acesso às versões impressas dos arquivos e por meio de transferência via grupos de *WhatsApp* gerenciados pela instituição escolar, espaço da pesquisa. Dessa forma, concebemos a discussão dos dados conforme as perspectivas teóricas e abordagens elucidadas na fundamentação do trabalho.

Ensinando durante a pandemia

Em nossas análises consideramos as posições discursivas em relação ao tratamento ou segmentação do *corpus* em instâncias condizentes com a abordagem narrativa das práticas docentes situadas no espaço temporal da pandemia da Covid-19, durante o curso do ano de 2021. Para tanto, apropriamo-nos de noções basilares sobre estratégias de ensino que englobam os usos de tecnologias.

A rigor, concebemos que os materiais escolhidos, a partir dos modos das vivências e práticas docentes caracterizadas pelas especificidades do ensino remoto, apontam para os sujeitos silenciados em relação à imersão em práticas sociais e experiências providas pelos usos de recursos tecnológicos situadas em aparelhos digitais. Entretanto, as interações e as possibilidades de trocas não se limitam ao âmbito dos artefatos e recursos físicos dotados de tecnologia digital (GOMES; SILVA, 2017).

Para visualizarmos a dinâmica relacionada ao ensino remoto e o lugar das interações, apresentamos o recorte a seguir, que contextualiza a realização de atividade de produção textual. Neste caso, as atividades expostas nesta seção são direcionadas a alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, trata-se de alunos da rede pública, situados em comunidades rurais, cujas famílias possuem acesso limitado às ferramentas tecnológicas e, pouca ou quase nenhuma familiaridade com a *internet*.

A comunidade escolar utiliza minimamente recursos tecnológicos no desenvolvimento de atividades de ensino. Embora, admitamos que antes da pandemia os espaços de ensino já estivessem criando estratégias mediadas com recursos tecnológicos (PINHEIRO *et al.*, 2021), essa realidade não alcançara ainda os espaços e os sujeitos participantes da pesquisa em relação à aplicação desses recursos no processo de ensino. Nesse caso, cabe-nos refletirmos tanto sobre a prática docente, quanto sobre a conjuntura sociopolítica vigente, cuja precariedade e escassez de investimentos se refletem nas salas de aula.

Com base nisso, vivenciamos as práticas docentes, em sua grande maioria, desprovidas de recursos tecnológicos condizentes com a atualidade. Consoante os recortes dispostos nesta seção, as atividades que trazemos à baila foram planejadas a partir da participação dos alunos no evento “Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa”, essa abordagem centra-se na produção de textos a partir do tema “O lugar onde vivo”. Por isso, no corpo dos materiais apresentados é possível percebermos que o docente assume o papel de mediador sugerindo por meio da linguagem escrita os rumos e decisões que guiarão os aprendizes.

Dessa forma, o recorte I, apresentado a seguir, é parte do corpo de um material de estudo denominado “bloco de atividades” e disponibilizado aos alunos e familiares no formato impresso e digital nos grupos de mensageiros virtuais como o *WhatsApp*. Ainda em relação ao recorte I, o docente, ao encaminhar os procedimentos para que os discentes desenvolvam a produção de texto, orienta tanto a prática manuscrita com suporte do livro e do caderno do aluno, quanto a prática em ambiente virtual com suporte da tecnologia digital dos aparelhos *smartphone* e do mensageiro *WhatsApp*, abrindo assim, precedentes para novas e futuras formas de interação; Vejamos:

Recorte I - Bloco 4

Aula 2 Data _____

Como foram sugeridas leituras de textos narrativos, bem como as atividades de interpretação e compreensão, seguindo essa base, é o momento de iniciarmos as nossas produções. Para começar, escreva um texto em seu caderno, contando qualquer acontecimento ocorrido em sua comunidade. Relate o que aconteceu, com quem aconteceu e quando e como aconteceu. (Para correção você pode juntar a folha este bloco ou enviar uma imagem pelo Zap).

Fonte: Dados do pesquisador, 2021.

Como o referido recorte é equivalente ao material disposto no “bloco IV”, é preciso considerar inicialmente a projeção de materiais impressos de teor explicativo, sobre o

processo de ensino caracterizado como remoto. Inclusive, com as indicações e sugestões de meios e recursos tecnológicos passíveis de integrarem ou complementarem os materiais de estudo.

Entendemos que, ao sugerir o uso de meios virtuais para as interações é preciso ter claro o contexto socioeconômico e cultural dos educandos para garantir que todos ou pelo menos a maioria integrará o processo. Como também, destacamos a preparação dos materiais e dos educandos para a iniciação no universo das tecnologias digitais, cuidando para não ampliar os abismos já existentes. Por isso, a indicação do mensageiro *WhatsApp*, dada a sua presença e alcance na comunidade escolar.

A propósito do recorte I, percebemos que a condução do evento/aula está amparada no contato comunicativo. A estratégia é abrir um canal de comunicação (*WhatsApp*) entre o mediador e os aprendizes, possibilitando a troca de informações e esclarecimentos sobre as abordagens apresentadas. Por meio desse canal, o mediador pode articular e mover-se em direções diferentes para que o educando se perceba inserido e capaz de ressignificar o uso que faz das tecnologias.

Considerando as condições de distanciamento impostas pela pandemia, o lugar do docente/mediador é o de ampliar suas investidas e abrir espaço para as interações, é dessa forma, uma atividade com características, explicitamente colaborativas (DUBOC, 2011). A esse respeito, ao propor a utilização do mensageiro para o desenvolvimento da atividade, o docente abre possibilidades para as interações em formato virtual e, sobretudo, reconfigura o hábito de troca de mensagens familiares ou interpessoais para o formato didático (ensinar e aprender).

Visualizamos também a tentativa de engajar o aprendente, conforme as suas particularidades ou limitações, fazendo com que resgate seus saberes e vivências para exercer o papel de sujeito produtor. Por isso, a importância de se considerar os contextos, a partir de suas características de diversidade (KALANTZIS, *et al.*, 2020). Neste caso, a proposição em curso reflete uma nova realidade em que, dispor do mensageiro de trocas de mensagens comuns do dia a dia para o processo de ensino, exige dotá-lo de funcionalidades ainda não reconhecidas no espaço em que desenvolvemos a pesquisa.

Nessa perspectiva de buscar a interação, ainda que de forma assíncrona, contemplando participação dos sujeitos, assumimos que o foco está em mobilizar os educandos dentro do seu próprio espaço e considerando os seus próprios conhecimentos (PENNYCOOK, 2001; FREIRE, 2003; NAVARRO *et al.*, 2021). Como vimos no recorte I, a constituição do

material de ensino (remoto) leva em consideração o processo de escolarização dos sujeitos, os domínios da escrita e a necessidade de participar das interações.

Embora, situada no contexto de aulas remotas, o discurso/voz do docente não desaparece ao longo do desenvolvimento da proposta, ao contrário, serve-se dessa posição para engajar os educandos em atividades de escrita em que possam também constituírem ou restituir seus lugares de fala ao escreverem sobre, na e para a comunidade. É dessa forma, conforme Brasil (2020), que orienta e disciplina a busca e fomento de estratégias, de ensino não presencial, capazes de promover interações entre os partícipes.

É interessante destacarmos também, a contextualização quanto à inserção de recursos tecnológicos, sem exigir dos sujeitos, conexão em redes de dados e domínios de ferramentas e aplicativos mais complexos. No caso, a organização do material absorve a utilização de mensageiros virtuais, para complementar o processo de ensino, considerando as limitações da comunidade. Inclusive, a opção por inserir o mensageiro *WhatsApp* deu-se pelo fato de já está incorporado à rotina das pessoas da comunidade, assim como fora noutros tempos o rádio e mais recentemente o aparelho telefônico comunitário (orelhão).

Mesmo considerando que essa realidade de acesso ainda é para poucos, a proposta não se anula em função disso, ao contrário, a faceta da tecnologia surge com uma estratégia para complementar o processo, tornando-o dinâmico. Como percebemos, a respeito dos “blocos”, a definição de estratégias de leitura se organiza a partir da indicação de exemplares de livros impressos que os alunos têm acesso, inclusive, são descritos os percursos, as leituras complementares e de apoio, dessa forma, oportunizando que cada sujeito avance no desenvolvimento das atividades.

No exemplar que segue, trazemos uma proposta de atividade projetada para conduzir os aprendentes na leitura de textos de um determinado gênero, para posterior atividade de produção escrita. Neste caso, o recorte II representa a organização das atividades remotas em formato impresso, caracterizado pelas marcas injuntivas que visam à orientação dos educandos em seus próprios espaços. Ademais, como o material compõe o (5º) bloco de atividades de ensino, a utilização do mensageiro *WhatsApp* acompanha todas as atividades sugeridas.

Recorte II- Bloco 5

Caríssimos (as), neste material abordaremos a temática da "Olimpiada Brasileira de Língua Portuguesa", cujo principal foco é ajudar na nossa escrita e produção de texto; Por isso, que solicitei, lá atrás no Bloco 4, uma rápida escrita sobre o "local onde você vive". Por isso, também, foram dadas informações sobre textos narrativos longos como o Conto, Romance e a Crônica. Releia as características desses gêneros em seu livro no box laranja da p. 19 e box azul da p. 21 (sobre o Conto).

Fonte: Dados do pesquisador, 2021.

Consoante o recorte II, percebemos o alinhamento do material à abordagem anterior, conforme a atividade de leitura e produção escrita ventilada no "bloco" anterior. O exame e discussão da proposição trazem à tona as investidas do docente sobre a interação. As atividades descritas e as estratégias postas em curso possibilitam que os aprendentes avancem por rumos diferentes, pois isso depende da maneira como leem e compreendem as orientações, além da mudança quanto ao tempo para começar e terminar a atividade, bem como o lugar onde se situa o sujeito que a faz (NAVARRO *et al.*, 2021).

É salutar sobre o material exposto, a posição epistolar do docente ao construir o seu percurso instrucional, isto é, recorre à eficiência da escrita para garantir acesso dos aprendentes a uma parcela de explicações sobre um dado evento. A tecnologia, nesse caso, é o ato criador e os recursos criados que atuam para melhor atender ou resolver um problema. Nisso reside a noção de tecnologia depreendida de artefatos como: aparelhos, cabos e telas (GOMES; SILVA, 2017; ARRÉ, 2017). A propósito, o foco dado à leitura reserva o seu lugar de fio condutor do processo, mesmo assim, a representação escrita precisa considerar que o espaço e os sujeitos dessa leitura estão em espaço e tempo diferentes (NAVARRO *et al.*, 2021).

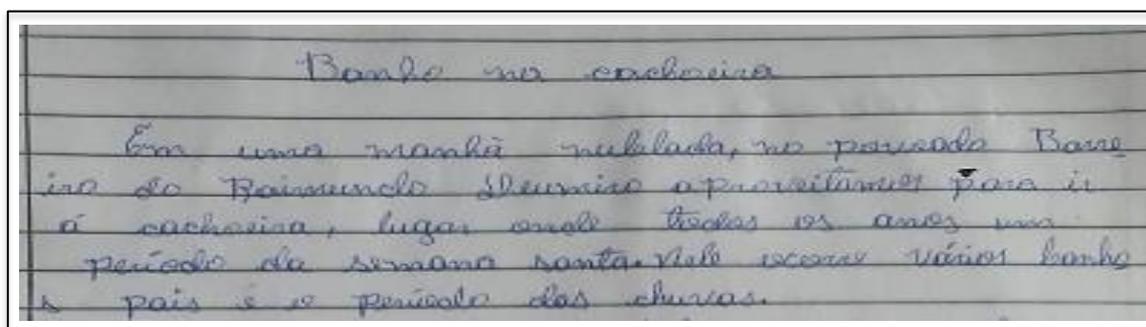
Como vimos, o processo iniciado a partir do material impresso estende-se no formato virtual por meio de aplicativo de mensagens. Neste caso, mesmo não conseguindo a ampla integração dos participantes, o trabalho desenvolvido se faz por estratégias que contemplem as ações e interações em que os sujeitos participantes promovam trocas e compartilhamento de saberes e, para tanto, lidam com diferentes domínio e usos da linguagem.

Dispomos de um recorte, cuja tessitura demonstra como as interações propostas na sequência de "blocos I e II" propiciaram o alcance do intento "produção escrita", ora apresentada e disponibilizada no formato impresso, ora disposta e compartilhada no formato

digital via grupo do mensageiro *WhatsApp*. Ressaltamos nesses casos, o comprometimento dos participantes em se apropriarem dos materiais, das fontes e em estabelecer contatos para obtenção de maiores explicações.

Então, vejamos o recorte III, parte de “produções autorais” e, de cuja exposição depreendemos o processo de interação entre os participantes viabilizando e ressignificando as atividades de linguagem. O exame sobre o material apresentado no recorte III não se encerra na observação dos aspectos linguageiros, nem na proposta do evento “olimpíada” como atividade fim, mas atentamos para o movimento de idas e vindas entre o mediador e os aprendizes na ação de escrita e reescrita dos textos.

Recorte III - Texto autoral 1



Fonte: dados do pesquisador, 2021.

Mesmo considerando o contexto sociocultural da comunidade escolar e o afastamento geográfico em relação aos espaços urbanos, a utilização de aplicativos mensageiros no processo de ensino propiciou aproximações significativas entre o docente/mediador e os aprendizes. O exposto no recorte III compreende as ações de produção escrita resultantes das orientações encaminhadas nos “blocos” impressos e aperfeiçoadas por meio do mensageiro. Então, é diante de limitações e precariedade que a prática docente [re]cria novas condições para se desenvolver (NAVARRO *et al.*, 2021).

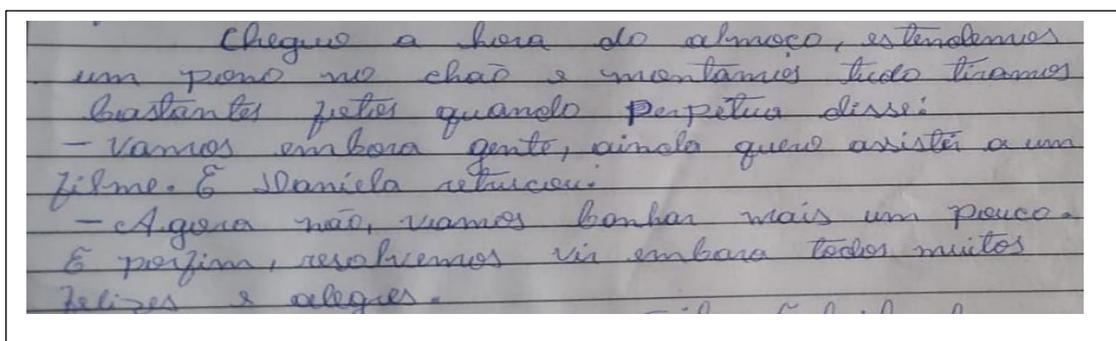
Acreditamos que refletir sobre as estratégias de ensino, de forma a propiciar a criação e ampliação de estratégias que contemplem os recursos tecnológicos, seja uma proposição para os novos cenários das práticas docentes em quaisquer espaços que sejam. Além disso, concordamos com a dimensão colaborativa das atividades que conjugam diferentes formatos e modos de interação (DUBOC, 2011).

O desenvolvimento das atividades com o auxílio de ferramentas virtuais, principalmente com a conexão em rede oferece aos educandos caminhos para aprofundar, testar e

avaliar seus conhecimentos. Ao alcançarem a etapa de produção escrita, os participantes interagiram com o mediador por meio de mensagem de texto, imagens, vídeos e mensagens de voz. De fato, as situações de ensino, no contexto da pandemia compreendem as mudanças que determinam os arranjos sociais locais (PENNYCOOK; MAKONI, 2020).

A extensão ou continuidade das atividades por meio do aplicativo mensageiro acolheu de forma significativa o diálogo entre os envolvidos, possibilitando a troca de saberes e a recepção de comandos específicos a cada situação de ensino. Nesse caso, a ação de mediação compartilhou tanto as orientações para a produção escrita tornar-se alinhada ao modelo padrão, quanto os conhecimentos socioculturais para a contextualização das narrativas. Por último, trazemos o recorte IV, cuja constituição também se deu após as interações via mensagens de *WhatsApp*.

Recorte IV - Texto autoral 2



Fonte: dados do pesquisador, 2021.

Ao visualizarmos o exemplar em comento, reconhecemos o lugar das tecnologias não só pela ideia de mostrar apresentar um fato, acontecimento ou coisa, mas pela multiplicidade de papéis e, principalmente pelas trocas comunicativas.

A propósito, a produção exemplificada surge em meio às investidas da prática docente quanto ao aproveitamento do mensageiro como fonte de orientação para guiar os educandos nas atividades escolares. Conforme discutimos, já faz algum tempo que os artefatos tecnológicos oferecem recursos e facetas aplicáveis ao ensino (GOMES; SILVA, 2017). Entendemos, pois, que numa situação de aulas não presenciais, as estratégias de ensino devem ser sensíveis aos contextos dos alunos conciliando os recursos que usam no dia a dia com os propósitos das aulas.

Neste caso, a adoção de estratégias de ensino que adentram o universo do referido mensageiro, requer disciplinar determinados usos, de maneira que cada sujeito envolvido se reconheça como partícipe, responsável e co-responsável pelo seu desenvolvimento. O material apresentado no recorte IV, conforme depreendemos dos participantes, resultou das

investidas, provocações e devolutivas do mediador por meio do mensageiro, bem como das ações guiadas de escrita e reescrita dos alunos.

Em que pesem nossas considerações, visualizamos do lugar de pesquisador o movimento na busca de alternativas internas e externas para problemas situados na permanência das mesmas vozes, das mesmas práticas dos mesmos modelos. Cabe, pois, pensarmos a tecnologia e a sua gama de recursos sem necessariamente condicionar sua funcionalidade à materialização (GOMES; SILVA, 2017).

Admitimos, dessa maneira, que mais que navegar conectado em rede, preso em espaços de telas e cabos, é preciso construir e compartilhar estratégias de leituras para serem desveladas em quaisquer ambientes (COSCARRELLI, 2016). Conforme a narrativa apresentada, a ausência de recursos e meios tecnológicos não é suficiente para a não proposição de estratégias de trabalho.

Considerações finais

Os esforços dispensados nas práticas que acompanhamos neste trabalho, denunciam o quanto precisamos refletir para avançarmos em nossas práticas docentes aliando tecnologia e ensino. Diante disso, trabalhamos a noção de tecnologia no sentido de promover novos olhares, novas formas de fazer, de aprender e de transformar o meio em que se inserem determinadas práticas. A grosso modo, a realidade de implementação do ensino remoto ocorreu de forma desconexa das possibilidades de integração de recursos tecnológicos.

Nesse cenário, destacamos que a postura inquietante de profissionais docentes, de maneira geral, atuou pela construção de alternativas que viabilizassem desde pequenas aproximações individuais, até mesmo alcançar níveis mais significativos de interações coletivas. O desenvolvimento dessa pesquisa colocou em paralelo, no ensino remoto, o contexto de onde emergem as indicações de atividades e as práticas docentes, que é o de uma escola pública, localizada numa área rural e a integração ao universo das tecnologias, pois, ao participar realização da “Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa”, tem-se acesso a uma consolidada plataforma virtual, disponível para melhorar e ampliar o alcance das propostas de ensino.

Precisamos enfatizar aqui, em relação ao ensino remoto e ao programa da referida olimpíada que ao visar a todos os públicos, é preciso considerar a condição de imersos ou não nos ambientes digitais. Por isso, consideramos importante acionar recursos tecnológicos na mediação de atividades a partir de meios já disponíveis na comunidade escolar e não apenas no espaço da instituição escolar. Logo, a opção pelo mensageiro *WhatsApp* emerge desse princípio. Além disso, por entendermos que nem todos os indivíduos o acessam ou dominam

seus recursos e funcionalidades, principalmente, quando o foco é direcionado ao ensino e não à comunicação instantânea, consideramos a necessidade de planejar e desenvolver atividades introdutórias.

Isto posto, é sempre necessário trabalhar atividades de nivelamento apresentando o ambiente virtual, seus usos e aplicações, bem como as orientações e os comandos para que de fato cumpra o propósito de ancorar as interações e o processo de ensino. Assim, em nossa pesquisa, pudemos dialogar com diferentes proposições que discutem o lugar das tecnologias no fomento às atividades de ensino. Dessa forma, entendemos que o escopo do trabalho permitiu visualizar projeções de atividades remotas de ensino voltadas para a produção de textos conciliando o percurso de interações assíncronas por meio de materiais impressos, bem como evidenciou a conciliação de estratégias consignadas aos meios tecnológicos, pensadas para atingir etapas de interações síncronas.

É interessante destacarmos também, que conforme depreendemos de nossas análises e reflexões, o lugar das atividades de ensino no formato remoto foi ressignificado, principalmente, contemplando o quadro de inovações propiciado pelo universo das digitalidades. Embora não fosse esse o foco das atividades que analisamos, percebemos os movimentos empreendidos pelos docentes para alcançar os alunos, as famílias e com eles estabelecer formas de comunicação. Dessa maneira, as ações docentes mediadas por meio de blocos de atividades impressas e do mensageiro *WhatsApp* exigiram novos olhares e construtos formativos para o desenvolvimento de atividades colaborativas.

Dessa maneira, entendemos que as atividades de leitura e produção textual, mesmo em cenários de aulas não presenciais, devem prescindir de contextualizações, reconhecimento das vivências locais e diferentes momentos de interação. E, certamente, retomando a questão norteadora da pesquisa, entendemos que a inserção de recursos tecnológicos nas atividades de ensino deve partir de reflexões e olhares sobre os espaços, os sujeitos e suas vivências, de maneira que, sejam significadas e ressignificadas nas próprias práticas.

REFLECTIONS ON THE MEDIATION OF CLASSES ACTIVITIES IN REMOTE TEACHING

ABSTRACT: The Covid-19 pandemic has imposed challenges and possibilities on educational systems related to remote teaching. This article aims to discuss mediation strategies for remote Portuguese classes/activities considering the relationship between teaching and the limitations of social contexts. The following question constitutes the research problem: what strategies to develop so that teaching activities reach learners in their particular social contexts, enabling the mediation of teaching practices? It is assumed that printed resources, as well as digital ones, support efficient strategies, however, limitations and lack of knowledge truncate their wide use in teaching activities. The work is based on the postulates of Duboc (2011), Gomes and Silva (2017), Kalantzis et al. (2020). This is a qualitative research that includes the analysis of materials arranged in scripts and remote activities for the final years of Elementary School. The research showed that teaching strategies must contemplate the aspirations of the context in which they are inserted and, as such, the technological

artifacts to be inserted in the teaching process, must be the object of reflection, reception and redirection of purposes and specificities.

KEYWORDS: Teaching practices. Remote teaching. Language classes. WhatsApp.

REFERÊNCIAS

- ARRÉ, T. C. C. Letramento digital na formação inicial de professores de Língua Inglesa. IN; Tecnologias e procedimentos de contatos linguísticos: *Reflexões sobre o papel das TICs no aprendizado de línguas estrangeiras*. -Teresina: EDUFPI, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CP N° 5/2020*. Disponível em: http://www.abrafi.org.br/js/ckeditor/foto_internas/pcp005_20.pdf. Último acesso em: 20 de nov. de 2021.
- COSCARELLI, C. V. Navegar e ler na rota do aprender. In; *Tecnologia para aprender*. Carla Viana Coscarelli (Org.). 1. ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2016.
- DUBOC, A. P. M. O. “novo” nos novos letramentos: implicações para o ensino de línguas estrangeiras. *Revista Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa*, v. 18, p. 9-28, (2011). Disponível em: <http://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/duboc-o-novo-nos-novos-letramentos.pdf>. Último acesso em: 20 de nov. de 2021.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GOMES, F. W. B.; SILVA, A. C. O. Artefatos tecnológicos como instrumentos de promoção do contato linguístico em contextos de aprendizagem de línguas estrangeiras. In: *Tecnologias e procedimentos de contatos linguísticos*. EDUFPI. 2017.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. UNICAMP, 2020.
- MOITA LOPES, L. P. da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. 2, p.329-338, mar. 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45412>. Último acesso em: 05 de out. de 2021.
- MOITA LOPES, L. P. da.; FABRÍCIO, B. F. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópico*, v. 17, n. 4, p. 711-723, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03/60747422>. Último acesso em: 10 de nov. de 2021.
- NAVARRO, F.; LERNE, D.; MENESES, A.; LÓPEZ-GIL, K. S.; ARTAL, R.; OTERO, P. Enseñar a leer y escribir en pandemia. *Textos. Didáctica de la Lengua y la Literatura*, 92, 57-62, 2021. Disponível em: https://www.grao.com/es/producto/ensenar-a-leer-y-escribir-en-pandemia-tx092100893?fbclid=IwAR12xfjdAl3xhDMbPYqYidyBWCivlMO_c9pX8o-zSCcA7QVEITGLfAX1kRw. Último acesso em: 10 de maio de 2022.
- PENNYCOOK, A. The politics of pedagogy. In: PENNYCOOK, Alastair. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p.114-140. Disponível em: <http://libgen.rs/book/index.php?md5=381063767FD8D311F93CF9E5C70714E1>. Último acesso em: 15 de abr. de 2022.
- PENNYCOOK, A.; MAKONI, S. *Innovations and Challenges in Applied Linguistics from the Global South*. Routledge. 2019.

PINHEIRO, P.; ROCHA, C. H.; COPE, B.; KALANTZIS, M.; TZIRIDES, A. O. Sentidos sem fronteiras para uma educação linguística transformadora: translinguagem e transposição na era do significado multimodal e mediado digitalmente em tempos pandêmicos. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 22 (2), 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/40921>. Último acesso em: 15 de maio de 2022.

ROCHA, E. L. e S. S. A importância das tecnologias da informação e comunicação nas propostas de ensino remoto emergencial; In. *Tendências e pesquisas em educação [recurso eletrônico] / organizadores: Rafael Soares Silva ... [et al.]*. - Santo Ângelo. Metrics, 2021: Disponível em: <https://doi.10.46550/978-65-89700-44-9>. Último acesso em: 30 de maio de 2022.

SEDUC. Secretaria de Estado da Educação (PI) -. Estratégias e diretrizes sobre o regime especial de aulas da rede pública estadual de ensino do Piauí, 2020. Disponível em: <http://seduc.pi.gov.br/download/arquivos/normativas>. Último acesso em: 20 de nov. de 2021.

Recebido em: 26/11/2022.

Aprovado em: 15/03/2023.